

**Editorial**
**VeZ, Lugar e Voz - espaços de cidadania**

**D**e acordo com a lei número 11.433, de 28 de dezembro de 2006, no dia 1º de outubro é mundialmente comemorado o Dia do Idoso. Qual o sentido dessa comemoração?

Segundo a lei, a data tem como objetivo “promover a realização e divulgação de eventos que valorizem a pessoa do idoso na sociedade”. Mas que idoso é esse?

São naturais ao ciclo de vida o nascimento, desenvolvimento, declínio e finitude. Nesse raciocínio, e segundo a lei, idoso é que tem mais de 60 anos. É considerado, por muitos, o início da fase de declínio. E nos perguntamos: hoje, o que significa ter 60 anos ou mais?



No panorama da longevidade atual, os tempos de passagem foram “alargados”: a vida adulta se inicia, para um número gradativamente maior de jovens, cada vez mais tarde, em decorrência da falta de qualificação, aliada às exigências crescentes no mercado de trabalho; aumento visível de aposentadorias tardias, ou recontrações – pela disposição e competência de profissionais acima de 65 anos; e um dos fatores de impacto direto, os progressos das ciências, com destaque para a área da saúde.

A fase do desenvolvimento é, hoje, mais longa, impactando e sendo impactada pelas aceleradas mudanças sociais que influenciam os distintos modos de viver e envelhecer. Portanto, o que é ser velho ou idoso? Mesmo as nomenclaturas são indefinidas: maturidade, melhor idade, terceira idade, idade da plenitude...

Coloca-se como essencial, nos diversos programas ligados à saúde do “idoso”, viver com qualidade. Correto. Pode-se generalizar? Como se vive e longevive nos dias atuais, com qualidade ou sem qualidade? Vive-se muito, mas bem? O “bem” não é igualmente generalizador?

Há muitas pesquisas, estudos, tabelas e gráficos, mas onde estão os idosos sobre os quais se discorre genericamente? Vivem bem? Como se situam? Precisamente essa questão se apresentou à equipe da Revista Portal de Divulgação no momento de preparação da edição nº 26, de outubro de 2012.

Nossa intenção é dar voz e valorizar os idosos “não genéricos” - aqueles com nome, voz e rosto – pelos exemplos de trabalho, enfrentamentos, perdas, dores, superação, alegrias e projetos.

Como afirmam Dominique Argoud e Bernadette Puijalon, pesquisadoras francesas, a velhice deve ser compreendida ao mesmo tempo em que é explicada, e “se o envelhecimento é uma realidade para cada indivíduo, a realidade deve ser dita na primeira pessoa e vista na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um. Ouvindo o idoso, o olhar que teremos sobre ele e o envelhecimento não serão jamais os mesmos” (Brandão, 2000:126).<sup>1</sup>

Eis o objetivo desta edição.

Ouvimos primeiramente a voz de Lucila, que mora há cinco anos no Lar Madre Regina, em Guarulhos. Sua vida, de muito trabalho e constantes mudanças, é exemplo das dificuldades e da batalha diária de um imenso número de mulheres. Viúva e com dois filhos, após alguns desacertos para continuar morando só, pediu à filha: “Arruma uma casa de repouso que eu vou”.

Enfatizou ainda: “Eles me tratam bem, tenho que dar um jeito de me acostumar, pois o que eu vou fazer?! Seja o que Deus quiser”.

Em sua fé distingue uma vantagem em morar no Lar: “Eu penso, ai que bom, a gente não morre sozinha”.

O grande pavor de vários idosos: sair de sua casa para morar em uma ILPI. Para Lucila, tem-se a impressão, foi uma escolha que a fortalece nesse momento da vida.

“Podemos todos os que já passamos dessa idade continuar agitando, com saúde, uma presença ativa na sociedade, cheios de bom humor, sabendo como é importante elevar a autoestima”.

A afirmação é de Pipokinha, nome artístico de uma das três componentes do trio Uva Passa, de São Paulo. As três já passaram dos 50, e duas são avós. Observa-se um jeito diferente de se preparar para os 60 e mais. Ativas, as componentes do grupo, completado por Marcix e Ana Luna, procuram, por meio de apresentações musicais, indicar um novo modo de viver e envelhecer, buscando “defender alegremente aquilo no qual acreditam seriamente”.  
Sentencia Ana Luna:

---

<sup>1</sup> A palavra dos velhos: desafios, análise, práticas (tradução livre/resenha) – La parole des vieux: enjeux, analyse, pratiques. Dominique Argoud e Bernadette Puijalon. Paris. Dunod/ Fondation de France, 1999 – In *Revista Kairós: Gerontologia* - Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, ano 3 – nº 3, 2000, p.125-132.

“Na verdade, é uma postura de vida, um projeto, um grito, um canto encantando. Encaramos e ajudamos a encarar o envelhecimento com suavidade, preservando o lado mais belo, doce e feliz, que é viver”.

Envelhecer ativamente e com intensa participação. Há outros caminhos, mas nem sempre com os mesmos resultados, que se baseiam em trabalho incansável e muita disposição.

É o que conta Dinorah, 79 anos, que ainda trabalha, e muito, cuidando de um estacionamento, pertencente à sua família, no ABC paulista. Casou-se jovem, teve dois filhos e sempre trabalhou. Depois do precoce falecimento do marido seguiu a vida de trabalho e cuidados com a família, e não quis se casar, pois pensava: “E se o sujeito quiser interferir na educação dos meninos?”. Não admitiria, nunca daria certo. “Então, achei melhor ficar sozinha, e estou muito bem assim”.

Sobre seus planos não hesita:

“Continuar trabalhando. Ah, e quero morrer de morte morrida. Naturalmente, sabe? Dormindo. Acho que é uma bênção de Deus morrer assim. Morrer de forma repentina é doloroso para quem fica, mas para quem vai acho que deve ser uma bênção”.

Com 60 anos, casado, carioca, dois filhos, entrando na idade legal de ser considerado idoso, o psicólogo e pesquisador da Fiocruz, no Rio de Janeiro, Nilo Fernandes, parece não se preocupar, ainda, com seu processo de envelhecimento. Extremamente ativo, reflete seriamente, e com razão, sobre o aumento do número de infectados pelo vírus da aids, incluindo os idosos. Segundo o pesquisador, os idosos, por não se considerarem parte do grupo de risco, não tomam os cuidados básicos para uma relação sexual segura. Ainda existe a crença, socialmente incorporada, de que os idosos não mantêm vida sexual ativa, preconceito que gera “despreocupação” com tema tão importante.

Em nossa sociedade, vários temas geram preocupação. Não abordada de modo sistemático no cotidiano, a utilização da energia nuclear preocupa seriamente o monge budista Ademar Sato. Com 70 anos, paulistano, residindo em Brasília, ex-professor da PUC e ex-militante político atuante, afirma que “na minha vida inteira sempre estive ligado ao poder”. Em diferentes momentos da história recente teve papel de destaque em cargos públicos e com intenso engajamento político.

Relata seu momento de “virada”:

“Achei que devia deixar o mundo do poder para entrar no mundo da compaixão, apesar de no mundo da compaixão haver poder. Mas queria me desligar do que tinha vivido. Eu me interessava pelo budismo como tema cultural, lia sobre o assunto. Até me encontrar com o budismo era marxista”.

Preocupadíssimo com o tema nuclear, ainda desconhecido da imensa maioria dos brasileiros, alerta e não hesita em afirmar que a luta antinuclear somente terá condições reais de êxito quando atingir a juventude.

Seu engajamento nas lutas por um mundo melhor o levou ao budismo e ao pacifismo, o sentido de sua vida.

Um mundo melhor e mais harmônico é a busca e sentido do trabalho de Margarida Fonseca, paulista, 63 anos. Mora em São Paulo, pretende viver em uma ecovila, na cidade de Piracaia. Propaga os princípios da cura energética, “lindíssima ferramenta de amor, cura e libertação”. Entre seus interesses, “a forma de conceber o tempo ensinada pelos maias clássicos”.

Afirma ser “essencial” a consciência corporal - modo de ver e sentir o corpo com respeito e cuidado -, o que pratica e ensina, por meio de exercícios sutis e delicados que movem a energia interna.

Questionada sobre o envelhecimento, afirma que “não penso nisso, e procuro viver o momento presente, sempre aproveitando o poder e a alegria que essa escolha nos permite”. Mas está mais cuidadosa com a saúde física: “A experiência de vida nos dá certeza e confiança em Deus, cuja centelha está dentro de nós, na natureza, em todo o mundo espiritual e na sincronicidade dos fatos. Valorizo a vida em todos os reinos: humano, animal, plantas. E cada momento vivido é um presente, com seu poder e beleza. Enfatizo que, com a idade, ficou mais fácil sentir e praticar a compaixão por todos os seres vivos”. E quando, muito antes dos 60 anos, nos deparamos com uma doença de alto risco, como o câncer?

Ideli Anselmi, 62 anos e uma filha, conta essa trajetória de superação, que a levou ao trabalho atual na ONG Viva Melhor, entidade de apoio às mulheres, como ela, mastectomizadas. A descoberta se deu há dez anos. Sua postura positiva a fez enfrentar melhor o difícil processo: “O estado de espírito interfere demais, o emocional interfere muito, é impressionante”.

Depois de ultrapassado o período mais dramático quis voltar a trabalhar, mas a empresa havia “programado” uma substituta. Com grande número de anos de trabalho pediu aposentadoria, o que conseguiu em pouco tempo. Depois desse episódio, e por acaso, aproximou-se da ONG que a ajudou no momento de transição. Interessada no projeto, a partir de 2004 se juntou ao grupo como voluntária:

“Não sei como estaria se não tivesse vindo para cá, se teria me deixado abater, deprimida, não sei. Mas acho que sempre tive uma força dentro de mim. Independentemente da ONG, da importância que ela tem na minha vida, sempre tive postura positiva na vida”.

O trabalho de apoio oferecido, segundo Ideli, revela-se como uma “segunda chance”. Questionada sobre o futuro, é precisa: “Nós temos um sonho...”. A primeira pessoa do plural, “nós”, refere-se à ONG, não somente a si mesma. A

preocupação com as injustiças do “mundo do trabalho” foi o mote da vida profissional de Waldir Biscaro, psicólogo, paulista, 78 anos. Inicia o depoimento com seu bom humor habitual: “Não venham me falar em melhor idade. Melhor idade eu tive quando estava com 7 anos. Encaro o envelhecimento com tranquilidade, mas nada de melhor idade, por favor...”.

Sem esquecer a infância gostosa vivida no interior, os anos de seminário e a entrada na vida profissional, ressalta como marco o encontro com Pierre Weil e “a psicologia do trabalho, na formação de gerentes e supervisores, com orientação e aconselhamento psicológico”.

Pierre Weil, “francês, autor do popular livro ‘O corpo fala’, era um dos maiores divulgadores da psicologia no Brasil; havia participado da resistência francesa, mas não pegara em armas, por conta de sua ideologia pacifista. Atendia os feridos. Veio para o Brasil contratado pelo Senac”.

Sob essa influência, construiu a carreira em desenvolvimento e treinamento, especialmente na área bancária, sempre marcada por questionamentos derivados de sua postura política, reflexões e atitudes que o fizeram passar por muitas “agruras”. Em 1982 foi para a gerência de RH do Banespa, onde ficou por 17 anos, aposentando-se como diretor administrativo.

Casado, dois filhos e uma neta, descobriu sua “vocaçãõ” abafada de cronista aos 73 anos, após um curso na PUC-SP. A partir daí, as crônicas - a maioria delas é autobiográfica -, mostram o moleque e suas travessuras, lembranças carinhosas da família e dos amigos, dificuldades da carreira e engajamento político. Mais recentemente, escreve e publica suas “Anacrônicas”, reflexões mais profundas sobre viver e longeviver. Colaborador assíduo do Portal do Envelhecimento e da Revista Portal de Divulgação, as belas crônicas estão acessíveis a todos os leitores.<sup>2</sup>

O sentido plural do “nós” foi observado, especialmente, nas palavras de Nilo, Ademar, Margarida e Waldir, que procuram, de distintos modos, pesquisar, refletir e compartilhar novos conhecimentos e descobertas, na construção de um mundo melhor, não apenas para os idosos. O envelhecimento cidadão se concretiza somente quando se usufruiu de uma vida cidadã desde sempre. Esse não é, infelizmente, o caso de nosso país. Mas como a simples constatação nada muda, é importante um pensamento renovador de solidariedade, em todas as idades da vida.

Em seu longo percurso como educadora, esse tem sido o caminho de Vera Brandão, paulistana, 63 anos. Percurso no qual se mesclaram a vida profissional e a vida pessoal, no cuidado à família, dois filhos e quatro netos, o marido sempre presente.

Múltiplos os desafios e as mudanças que a levaram ao trabalho na área de envelhecimento, na qual atua e pesquisa desde 1992. Os trabalhos no Portal e

---

<sup>2</sup> Acesso em <http://portaldoenvelhecimento.org.br/>

na Revista são mais uma frente de atuação na formação de um espaço democrático para compartilhar saberes, e na construção de uma cultura da longevidade: “Acredito em mudanças (sempre acreditei) pequenas, cotidianas – o que chamo trabalho de formiga. Pequenas ações podem fazer mais do que grandes revoluções pelo bem viver do ser humano. Essa é a crença que tem me guiado ao longo da vida”.

Para finalizar transcrevemos as palavras de Karla Giacomini, presidente do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), gestão 2010-2012, proferidas no Senado Federal, em Brasília, em setembro último. Ela faz um balanço crítico dos dez anos do CNDI, traçando o panorama do envelhecimento populacional não seguido de investimentos - apesar das leis - em políticas e programas que atendam de maneira adequada essa população em crescimento acelerado.

Em seguida apresenta preocupante quadro sobre as restrições do trabalho do CNDI, e a fragilidade de sua atuação diante de inúmeros entraves burocráticos, econômicos e políticos:

“Dou testemunho da dura realidade por que passam os conselhos e as pessoas idosas em nosso país, e torno público meu agradecimento a todos aqueles que participam e trabalham em conselhos, que defendem os interesses públicos e que resistem na defesa do segmento idoso. Tenho certeza que essa participação em muito contribuirá para o aprimoramento da cidadania brasileira e o reconhecimento do envelhecimento como conquista social e direito fundamental da pessoa”.

“O que o CNDI deseja? O cumprimento das leis pelo Estado brasileiro. Isso pressupõe o respeito à Constituição, à Política Nacional do Idoso e ao Estatuto do Idoso dentro de todo serviço público”.

Assim iniciamos, assim terminamos.

Vivemos mais, nem sempre no “bem” idealizado. Existem leis que não se cumprem, impedindo o exercício da plena cidadania ao longo da vida. Vivemos e envelhecemos de modo único, como nos mostram as palavras dos mais velhos.

Esperamos que as diferentes entrevistas, incluindo o balanço sobre o papel do CNDI, façam-nos refletir sobre o que é viver, envelhecer e longeviver. E que cada um, à sua maneira e dentro das possibilidades, assuma o papel de agente transformador pelas palavras, especialmente pela ação.

Não existe nada pronto. Diariamente devemos construir a vida e o futuro que desejamos para nós e para todos os companheiros da humana jornada.

Boa leitura!

*Beltrina Côrte e Vera Brandão*  
Editoras